

Samuel Miranda Mattos  
(Organizador)



# Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 4

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

Samuel Miranda Mattos  
(Organizador)



# Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 4

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco



Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	<p>Educação física e áreas de estudo do movimento humano 4 [recurso eletrônico] / Organizador Samuel Miranda Mattos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF.            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia.            ISBN 978-65-5706-104-6            DOI 10.22533/at.ed.046201506</p> <p>1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Mattos, Samuel Miranda.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior   CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O campo da educação física como forma de desenvolvimento humano, possibilita o aprimoramento psicomotor do sujeito em diferentes modos de vida. O livro Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano volume 3 e 4, reuni diferentes pesquisas em âmbito nacional, trazendo contribuições inéditas para os profissionais da área.

Ao total são 27 capítulos apresentados em dois volumes, com uma ampla diversidade de temas e modos de fazer pesquisa. Espera-se que a contribuição apresentada nestes e-books possibilite uma melhor atuação e reflexão acerca da produção científica brasileira.

Convido à todos e entrar nesta jornada e desejo uma excelente leitura!

Samuel Miranda Mattos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O PROTAGONISMO DISCENTE NA CONSTRUÇÃO DE SABERES SOBRE O ESPORTE: EXPERIMENTAÇÕES COM O BADMINTON	
Isabela Maria Vasconcelos Wanderley Letícia de Lima Souza Maciel Paula Roberta Paschoal Boulitreau	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>3</b>
O TRATO DA DANÇA NA ESCOLA A PARTIR DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES: CRIATIVIDADE E AUTONOMIA EM PAUTA	
Letícia de Lima Souza Maciel Paula Roberta Paschoal Boulitreau Isabela Maria Vasconcelos Wanderley	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>5</b>
PERDA PONDERAL E ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS EM MILITARES DURANTE O CURSO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS (COESP) – BOPE-RJ	
Fernanda Galante Yanesko Fernandes Bella Bruno Horstmann Marisangela Ferreira da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>18</b>
PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO EM ADOLESCENTES: ANÁLISE DOS MOTIVOS DA ATIVIDADE SISTEMÁTICA EM ACADEMIAS DE MACAPÁ	
Wandeson Silva dos Santos Darliel Rocha Balieiro Dilson Rodrigues Belfort Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini Luzilena de Sousa Prudêncio Nely Dayse Santos da Mata Maria Virgínia Filgueiras de Assis Mello Rubens Alex de Oliveira Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>28</b>
PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM ABORDAGENS EM <i>MINDFULNESS</i> – MEDITAÇÃO DA ATENÇÃO PLENA	
Emilio Ben Barreto Freire Carlos Luiz Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>42</b>
RACISMO, HOMOFOBIA E DISCRIMINAÇÃO NA QUADRA DE AULA: MEMÓRIAS DE UMA ALUNA TRANS	
Italo Marcelo Pedro Amorim e Silva Samantha Nobre do Carmo Sabóia Mesaque Silva Correia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462015066</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 51**

SISTEMA TECNOLÓGICO PARA AUXÍLIO DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA NATAÇÃO PARALÍMPICA

Lucas Tonetto Firmo  
Bruno Esper Kallas Ferrari  
João Victor Jesus de Sousa  
Ricardo Felix Monteiro Neto

**DOI 10.22533/at.ed.0462015067**

**CAPÍTULO 8 ..... 59**

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rodrigo Fukugauti  
Fernanda Sobrinho Pavan

**DOI 10.22533/at.ed.0462015068**

**CAPÍTULO 9 ..... 66**

TERMOGRAFIA INFRAVERMELHA EM ATLETAS DE ELITE: ANÁLISE DE MEMBROS INFERIORES EM REPOUSO

Angélica Tamara Tuono  
Andressa Mella Pinheiro  
Nathália Arnosti Vieira  
Ana Lúcia Gonçalves  
Renata Pelegatti  
João Paulo Borin

**DOI 10.22533/at.ed.0462015069**

**CAPÍTULO 10 ..... 73**

TRACKING DO TALENTO MOTOR EM ESCOLARES DE UM COLÉGIO MILITAR

Francisco Zacaron Werneck  
Leandro dos Santos Oliveira  
Emerson Filipino Coelho  
Renato Melo Ferreira  
Luciano Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.04620150610**

**CAPÍTULO 11 ..... 84**

TREINAMENTO DE FORÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: A VISÃO DO PROFESSOR

Ruana Serique Beija  
Mário Sérgio Gomes do Nascimento  
Ingrid Bárbara Ferreira Dias

**DOI 10.22533/at.ed.04620150611**

**CAPÍTULO 12 ..... 95**

VELOCIDADE DO SAQUE E DA DEVOLUÇÃO DE SAQUE NO TÊNIS DE CAMPO: COMPARAÇÃO ENTRE PONTOS DECISIVOS E PONTOS COMUM

Pedro Augusto Correa Silva Pereira Belem  
Rafael Luiz Martins Monteiro  
Paulo Roberto Pereira Santiago

**DOI 10.22533/at.ed.04620150612**

**CAPÍTULO 13 ..... 109**

VIRTUALIZAÇÃO DA PALAVRA: ORALIDADE EM PRÁTICA: O DESAFIO DA TRADIÇÃO POR MEIO DE NOVAS PRÁTICAS - A CAPOEIRA E O JOGO DE RPG

[Katiane Mattge](#)

[Jaqueline Costa Castilho Moreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.04620150613**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 118**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 119**

## RACISMO, HOMOFOBIA E DISCRIMINAÇÃO NA QUADRA DE AULA: MEMÓRIAS DE UMA ALUNA TRANS

Data de aceite: 08/06/2020

### Italo Marcelo Pedro Amorim e Silva

Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina  
– Piauí – <http://lattes.cnpq.br/2783801502332725>

### Samanda Nobre do Carmo Sabóia

Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP  
– Macapá – Amapá - <http://lattes.cnpq.br/2883041198782872>

### Mesaque Silva Correia

Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina  
– Piauí – <http://lattes.cnpq.br/9238847912776777>

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física. Para produção dos dados nos apropriamos da História Oral de Vida. Encontramos que o espaço escolar é um solo fértil para produção e interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra alunos LGBTQ+. Que as aulas de Educação Física é o componente mais segregador da escola. Diante do cenário aqui apresentado, torna-se indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças e a possibilidade de vivenciá-las sem receio e sem preconceito.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação física escolar; Racismo; Discriminação; Homofobia

### RACISM, HOMOPHOBIA AND DISCRIMINATION IN THE CLASSROOM: MEMORIES OF A TRANS STUDENT

**ABSTRACT:** This study aimed to know the coping strategies used by a trans black student to stay in the Education System, more specifically in Physical Education classes. For data production we appropriated the Oral History of Life. We found that the school space is a fertile ground for the production and internalization of prejudiced and discriminatory behaviors and attitudes against LGBTQ+ students. That Physical Education classes is the most segregating component of the school. Given the scenario presented here, it is indispensable to elaborate a work that promotes mutual respect, the recognition of differences, and the possibility of experiencing them without fear and without prejudice.

**KEYWORDS:** School physical education; Racism; Discrimination; Homophobia

## INTROUÇÃO

A discussão referente à sexualidade humana é um universo de dominação esquecido e escondido dentro da escola, por ser complexa e, sobretudo, polêmica. Porém, trata-se de uma discussão necessária para a promoção de uma educação igualitária no plano dos direitos, diferente no plano das subjetividades e comprometido com o desenvolvimento de uma educação para a diversidade. Ao discutir sobre essa questão, Carvalho (2018) aponta que a instituição escolar historicamente funcionou e funciona como um território demarcador de uma epistemologia binária orientada pelos padrões e conceitos normativos estabelecidos historicamente com base em uma sociedade branca, letrada, heterossexual e cristã, que sempre restringiu ou delimitou a permanência em seu interior de novos corpos.

Desse modo, a presença de estudantes transexuais no interior das escolas representa um avanço nos processos de conquista de direitos. Entretanto, nos lembra Carvalho (2018), que a conquista do acesso à escola necessita vim acompanhada de políticas educacionais de permanência e a garantia de reconhecimento da identidade de gênero como forma de exercício da cidadania. Nessa mesma direção nos lembra Trevisan (2018) que o processo de acesso acaba sendo anulado se os estudantes LGBTs não puderem manifestar suas singularidades no espaço escolar e no caso das estudantes travestis e transexuais se forem impedimento de afirmarem a identidade de gênero em virtude das regras e normatizações pensadas por meio de um viés curricular heteronormativo. De acordo com Carvalho (2018), os currículos e programas escolares são construídos com base em padrões da heteronormatividade, o que invisibiliza os processos educacionais de reflexões das outras possibilidades de expressão da sexualidade, o que quase sempre transforma a escola em um ambiente hostil, com consequências físicas e emocionais para o desenvolvimento de alunos LGBTs”. Na perspectiva de Garcia (2000), este fato é um demonstrativo de que a escola do século XXI apresenta uma enorme incapacidade de fomentar uma gestão educacional com ações afirmativas na garantia de um espaço educativo voltado pra a valorização da afirmação da identidade de gênero.

Infelizmente os discursos pedagógicos quase sempre ecoam pelos ambientes da escola e chegam aos ouvidos dos alunos LGBTs para informar o quanto estão em desacordo com as normas e como estão sujeitos a ações coercitivas. Esses discursos dizem que as orientações sexuais diversas da heterossexualidade não são humanas, não são honestas e, por isso, seus sujeitos não podem ser o centro e a margem, o lado de fora é sim um lugar, um lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais, falta de caráter, propensão ao crime, dificuldade de conviver em sociedade, etc. De acordo com Foucault (1975, p. 145), a escola é um espaço marcado por imposições “uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”.

E quando se é trans e preta, a homofobia, o racismo e o preconceito se unem a voz do opressor. Garcia (2000), em seu estudo sobre trajetórias de alunos negros gays na escola, afirma que os espaços escolares são racialmente demarcados, onde pertencimento

racial e classe social se somavam. Para o autor, alunos pretos/as e brancos/as vivenciam diariamente nos espaços escolares “uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo em que para alguns poucos ser negro e gay é natural, para muitos outros provoca estranhamento e repulsa, demonstrando que os sentidos presentes nos corpos ditam os espaços.

Estranhamente a Educação Física, componente curricular obrigatório da Educação Básica (BRASIL, 1996), uma disciplina que tem por dever introduz e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (CARVALHO, 2018), ainda apresenta dificuldade de lidar com a subjetividade humana.

Para Correia (2018), muitos professores de Educação Física desenvolvem suas práticas “educativas” baseadas em modos de pensar, de sentir e de agir, oriundos por uma epistemologia heteronormativa. Isso agrava as desigualdades nas aulas, gerando exclusão dos alunos LGBTQs devido ao uso de métodos e estratégias de ensino equivocadas. Para o autor, as práticas corporais direcionadas aos alunos LGBTQs pautadas nos estereótipos da masculinidade produzem agravos aos alunos, devido aos possíveis casos de discriminação até a sua possível exclusão das aulas de Educação Física. Enfatiza o autor que quanto mais os alunos se afastam dos estereótipos de gêneros idealizados, mais discriminados são, como acontece com os alunos trans. E quando a homofobia toma dimensões exacerbadas, pode resultar em evasão escolar.

Assim sendo, o objetivo desse estudo é de conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

## **ESCOLA NA INTERFACE COM GÊNERO E SEXUALIDADES: DISCUTINDO A (RE) PRODUÇÃO DE (DES)IGUALDADES**

A escola se configura como uma instância social relevante na formação dos/as sujeitos/as. Pode ser pensada através de uma complexidade e dinamicidade que lhes são próprias, carregada de subjetividades, vivências, trocas e experiências diversas por meio da multiplicidade de indivíduos que compõem essa estrutura social. É um espaço sociocultural, conforme Dayrell (1996), pautado em relações sociais, culturas e uma dimensão pujante da realidade social, devendo ser compreendida por meio de um olhar apurado, de modo que envolva seu dinamismo e o fazer cotidiano dos/as sujeitos/as sociais que a integram.

Trata-se de um espaço de formação e construção da cidadania, de forma que todos/as que lá convivem são, a princípio, detentores/as de igualdades de direitos. No entanto, da mesma forma que a escola pode promover igualdade, liberdade e emancipação, pode também ser um lócus de (re)produções das mais diversas desigualdades sociais quando, por exemplo, corrobora, através dos seus capitais determinada cultura patriarcal ou ideologia dominante ou mesmo quando no processo de ensino-aprendizagem parte do pressuposto ou

considera que todos/as são portadores/as dos mesmos capitais (BOURDIEU, 2002).

O grande entrave dessa ação é a forma desigual que atua sobre aqueles/as que possuem suas peculiaridades. Desse modo, se torna relevante pensar como são produzidas as diferenças e quais consequências as mesmas acarretam sobre a vida das pessoas que compartilham deste espaço, em especial aquelas que historicamente foram e ainda são marginalizados/as, a exemplo das mulheres e pessoas LGBTQ+ (LOURO, 1997). A contemporaneidade é marcada pela relatividade e pluralidade de indivíduos, práticas e discursos, se tornando ultrapassado o discurso que os categorizam e as distinções que lhes são feitas (LOURO, 2003).

(...) Temos de aprender, nesses tempos pós-modernos, a aceitar que a verdade é plural, que ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório.(...) Precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade „normal“ e de todas as formas culturais a ela associadas; prestar atenção às estratégias que são mobilizadas para marcar as identidades „diferentes“ e aquelas que buscam superar o medo e a atração que nos provocam as identidades „excêntricas“ (LOURO, 2003, p. 51).

A própria linguagem, como forma de institucionalização das diferenças, é um veículo que demarca de forma naturalizada as desigualdades de gênero. Seja pela forma tradicional que a regra gramatical adota, ocultando os/as sujeitos/as ou pelos adjetivos atribuídos aos/as mesmos (LOURO, 1997). Exemplo disso é o ocultamento das questões relativas a LGBTQI (lésbicas, gays, travestis, transexuais, queer, intersexos), em que pouco se discute e se problematiza sobre as práticas preconceituosas e violências praticadas contra essas pessoas, tornando-as invisíveis e ausentes do próprio convívio escolar. O que resta são os discursos comumente pronunciados nesse espaço, como aponta Louro (1997, p. 69),

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às „gozações“ e aos „insultos“ dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Exemplo disso é um estudo recente acerca do ambiente educacional no Brasil no tocante às experiências de alunos/as lésbicas, gays, bissexuais e trans, que atestou um elevado índice de violências em suas trajetórias. Tal estudo, realizado com discentes entre 13 e 21 anos de idade, demonstra que aproximadamente 73% foram vítimas de algum tipo de violência, desde aquelas que envolvem os insultos e agressões verbais rotineiras, como aquelas mais agravantes, manifestadas via violência física. Essa estatística que evidencia as formas de violência que acometem estudantes LGBTQI é um demonstrativo de como a escola pode ser um espaço carregado de práticas discriminatórias ou um cenário que pode operar formas moldadas de “ser masculino” e “ser feminina”, conforme coloca Miskolci (2014), através de um processo simbolicamente violento que reafirma visões hegemônicas e restringe outras formas de vivenciar os gêneros e as sexualidades. Todo esse processo torna a escola um lugar marcadamente desigual, operando através de práticas e discursos



hierarquizados dos gêneros e das sexualidades, sendo a homofobia, um dos exemplos mais evidentes de violência e aversão aqueles/as que subvertem a heteronorma (QUEIROZ, 2007).

Os dados mencionados são do relatório da Pesquisa Nacional sobre o ambiente educacional no Brasil, realizado no ano de 2015 e publicado em 2016, por meio da Secretaria de Educação de Curitiba/PR. Tal relatório foi produzido através da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (AGBLT), em parceria com a: Fundación Todo Mejora, Chile; Gay, Lesbian & Straight Education Network (GLSEN) EUA; Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal do Paraná - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros.

## DESENHO METODOLÓGICO

Para desenvolvimento deste estudo, nos apropriamos dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa História Oral de Vida. Essa consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de identidade, mas também de toda a memória de uma cultura (BOSI, 2003;).

A sujeita participante do estudo é uma jovem trans negra de 25 anos, nascida no Estado do Amapá, estudante do 5º semestre do curso de licenciatura em Educação Física e apaixonada por esportes, danças e pela vida.

O processo de produção de dados foi orientado pelos seguintes eixos temáticos: História de Vida a Transexualidade; Experiências escolares; Educação Física – Transexualidade e negritude.

As entrevistas foram submetidas à transcrição, processo em que são transformadas num relato literário em primeira pessoa, conferidas e aprovadas pela entrevistada. Para o registro das reações, considerações e avaliação do processo utilizou-se o recurso do caderno de campo.

Os dados produzidos foram analisados à luz da teoria científica.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### HISTÓRIA DE VIDA A TRANSEXUALIDADE

Ao nascer no dia 17 de setembro de 1996, foi batizada como Jarderson Antônio Pinheiro de Azevedo, quinto filho de uma família tradicional. A ela, desde o nascimento foi idealizado um modo de ser e viver: “crescer, casar e constituir uma família”. Afinal, esse é o ciclo de vida marcadamente heteronormativo que historicamente tem orientado a vida das pessoas em sociedade. No caso do sexo masculino, se é educado para ser o macho pegador (GARCIA, 2000).

De acordo com Jadi D’Avilla (nome social), narrar a trajetória de uma mulher trans não é uma tarefa das mais simples. Exige um caminhar titubeante pelas bordas e um mergulho

por frestas escuras onde é constantemente alocada. O trajeto de uma mulher trans não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um ziguezague constante por terrenos acidentados. Relata Jadi que desde criança, descobriu sua identidade feminina, embora durante muito tempo tenha negado, já que diariamente era chamada de menino. Afirma que sua vida apresenta uma trajetória marcada por preconceito, incompreensão, fatos que fizeram com que por muito tempo, precisasse se esconder atrás da identidade masculina para sobreviver. Elucida:

Foram os múltiplos discursos preconceituosos tanto com relação a minha orientação sexual como sobre minha cor de pele que me tomaram protagonista da minha história. Um protagonismo que me coloca como suspeita, uma eterna coadjuvante, produto de uma sociedade hierárquica, que divide-se em homens e mulheres, assim como divide-se entre brancos e pretos, onde o primeiro se coloca como dominante em relação ao segundo. A mulher trans preta, pobre e macumbeira do tempo presente, adulta e consciente do seu papel social, não veio pronta para o mundo. Ao contrário, vivenciou uma infância, que estava na mira dos discursos normalizadores. Quando se é criança ou adolescente, com orientação sexual diferente da heterossexualidade e, além disso, ainda se é preta, os discursos normalizadores são potencializados (JADI D'AVILLA).

Nas ponderações de Trevisan (2018), a estratégia hegemônica de poder, apoiada no discurso da orientação sexual “normal”, se propõe a extinguir os espaços sociais em que outras orientações sexuais possam permear, para engavetá-la a sete chaves e exterminá-la como praga indesejada.

Outro fato que nos chama a atenção no relato de Jadi é a declaração de que socialmente sua sexualidade é compreendida como descontrolada, fato este que a coloca na mira de todos os homens heterossexuais, todos, indistintamente, como possíveis parceiros sexuais. Afirma: “no seio de uma sociedade heteronormativa, mulher trans não têm critérios de escolha!”. Como preconizado por Foucault (1975), a distinção entre o normal e o patológico, o aceitável e o condenável, nem sempre está inscrita nos atos, mas nos corpos. Assim uma mulher trans, ainda que pratique atitudes consideradas adequadas socialmente, não estará livre do controle imposto pelo poder hegemônico.

## EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

Jadi inicia sua narrativa sobre suas experiências escolares com lágrimas nos olhos e com as mãos em constante movimento, nos diz que suas recordações não são muito boas, pois afirma que na escola por conta de sua identidade sexual foi sempre hostilizada, visibilizada no plano do preconceito e invisibilizada no plano dos direitos, como é observado no depoimento abaixo:

A escola foi para mim um lugar marcado por crueldades, minha orientação sexual e minha cor de pele colocavam sobre mim uma série de estigmas que sempre me deixam em desvantagem em relação às outras crianças. A cor da pele, a grossura da perna, o tamanho do nariz e da boca e a textura do cabelo me tornavam diferente dos demais alunos, e eram justamente essas características que justificavam situações de agressões,

que não levavam nem em conta o fato de eu ser criança. Não sei lhe dizer se fui mais discriminada por ser gay (assim como eu era identificada na época) ou por ser preta. Acredito que por ser preta, porque a orientação sexual até se esconde, já a cor da pele não (JADI D'AVILLA).

Esse relato nos dá a certeza de que apesar de escola ser um “palco” onde todas as contradições sociais se encontram, o aluno que foge da normatividade é considerado pelo discurso pedagógico naturalmente inferior. Quando tomamos como eixo noteador a história de vida de Jadi, podemos inferir que no centro deste “palco” o aluno negro torna-se alvo de homofobia, preconceito e discriminação, que hora se manifestam de seus pares (colegas), hora de do discurso pedagógico (agentes escolares) o que faz com que o aluno negro/gay não mereça a mesma presunção de inocência que as crianças brancas/heteros (CORREIA, 2018).

## EDUCAÇÃO FÍSICA – TRANSEXUALIDADE E NEGRITUDE

Jadi ao falar das aulas de Educação Física apresenta em seu rosto uma expressão contraditória, (alegria e tristeza), relata Jadi que a Educação Física era a disciplina que mais gostava na escola, mas ao mesmo tempo era a aula que mais sofria discriminação. Contamos Jadi, que seus professores já partiam do princípio de que por ser “gay” não iria gostar de praticar atividades corporais. Entretanto, segundo ela, os responsáveis por seu afastamento em algumas atividades eram os mecanismos homofóbicos criados pedagogicamente. Relata Jadi:

Amo esportes, sempre gostei de praticar um pouquinho de cada um, mas nas aulas de Educação Física eu só poderia participar de alguns poucas como queimada, vôlei e handebol. Tanto meus colegas como meus professores achavam que eu era incapaz de jogar basquete, futsal ou praticar natação. Meus professores nem sequer perguntavam o que eu gostaria de jogar, a mim era reservado o espaço que ficava de trás da trave para jogar o que eu quisesse com as meninas. Afinal, além de gay eu era preta (...) por muitas vezes tive que voltar suja para casa porque os meninos não deixavam eu entrar no vestiário com medo de serem assediados (...) não lembro de nem uma vez que algum professor tenha falado com os alunos sobre o assunto, ou ter parado para intervir uma briga, sempre tive meus direitos invisibilizados (JADI D'AVILLA).

Para Correia (2018), a postura que os professores de Educação Física adotam em relação aos alunos LGBTs afeta diretamente as relações interpessoais estabelecidas entre alunos homo e heteros em suas aulas e com as atividades propostas. Assim sendo, problematizar de forma dialógica as questões que são apresentadas no processo de educação torna a quadra de aula em um terreno fértil para o estabelecimento de uma relação de confiança e de vínculo entre o aluno e o professor. Isso humaniza o processo educacional e o torna mais proveitoso.

Jadi aponta que em virtude de sua história de vida e por ser uma mulher trans e preta, se aventurar pela carreira docente em Educação Física representa um prestar conta com o

passado, e de certa forma, uma maneira de empoderamento, já que “a bicha preta, que foi renegada ao espaço de trás da trave nas aulas de Educação Física, retorna a escola para o centro da quadra como professora.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse estudo com o objetivo de conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física. Mediante seus depoimentos encontramos que o espaço escolar é um solo fértil para produção e interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra alunos LGBTs.

De modo declarado são realizadas ações homofóbicas, mostrando-lhes diferentes lugares para heterossexuais e LGBTs. A escola pública oferece a alunos, heterossexuais e homossexuais oportunidades diferentes para se sentirem aceitos e respeitados. A orientação sexual condiciona um tratamento diferenciado na escola. Quando associamos a questão da orientação sexual a étnico racial compele ao aluno trans negro à vergonha de ser quem é, encontra-se condicionado ao fracasso, à submissão e ao medo, uma vez que parte das experiências vividas na escola são marcadas por violências e humilhações.

Diante do cenário aqui apresentado torna-se indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, e a possibilidade de vivenciá-las sem receio e sem preconceito.

## REFERÊNCIAS

- BOSI E. **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.
- CARVALHO, M. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”. Cadernos Pagu (52), 2018.
- CORREIA, M. S. **O CORPO NEGADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**: um retrato da atuação do professor de Educação Física. In: XVI Semana Científica Centro Universitário Santo Agostinho, 2018. p. 648-654.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In\_\_\_\_\_ (org) **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1966.
- FOUCAULT, M. **A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1975.
- GARCIA, W. **A FORMA ESTRANHA**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In\_\_\_\_\_: LOURO, Guacira L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista. 2 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.

MISKOLCI, R. **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

QUEIROZ, I. H. L. Por um olhar queer sobre o processo educativo. In: FILHO, A. S. Bagoas: **revistas de estudos gays/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**,- v.1, n.1 jul./dez. 2007.

TREVISAN, J. S. **DEVASSOS NO PARAÍSO**: homossexualidade no Brasil as colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Academias 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 84, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 118

Adolescentes 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 74, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Alimentação 7, 11, 14, 57, 88

Alunos 3, 16, 34, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 74, 76, 81, 82, 86, 88, 92, 93, 110

Ansiedade 29, 31, 32, 33, 52, 115

Aptidão física 16, 73, 74, 75, 81, 82, 83, 85, 86, 88

Área da Saúde 28, 31

Artigos 28, 31, 32, 37, 38, 39, 86

Atletas 52, 53, 58, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 81, 86, 96, 97

Aulas 1, 42, 44, 48, 49, 59, 63, 64, 65, 80, 84, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 112, 113, 114

Autoestima 14, 58

Autonomia 1, 3, 4, 52, 53, 58, 115

### B

Benefícios 20, 25, 52, 58, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 111

Brasil 3, 5, 7, 26, 28, 31, 34, 35, 39, 40, 44, 45, 46, 49, 50, 60, 65, 66, 68, 74, 76, 82, 83, 93, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117

### C

Coleta 5, 8, 9, 10, 18, 21, 22, 28, 30, 39, 62, 68, 69, 89, 98

coleta de dados 8, 9, 18, 21, 22, 28, 30, 39, 62, 89

Coleta de Dados 21, 98

Comitê de Ética 7, 69, 76

Corpo 3, 7, 9, 11, 14, 15, 19, 25, 26, 34, 38, 40, 49, 50, 58, 61, 76, 87, 97, 109, 110, 111, 112

Cultura 1, 3, 10, 11, 39, 44, 46, 49, 60, 61, 64, 65, 74, 108

Curso 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 41, 46, 58, 65, 84, 96, 109, 110

### D

Dança 3, 4, 38

Deficiência 52, 53, 58

Depressão 14, 29, 32, 33, 52

Discriminação 42, 44, 48

Doenças crônicas 14, 28, 87, 88, 118



## E

Educação 7, 1, 2, 3, 16, 18, 26, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 72, 73, 74, 75, 76, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 109, 118

Escola 1, 3, 16, 26, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 84, 89, 90, 94, 110, 112, 114

Esporte 1, 16, 26, 27, 31, 39, 40, 41, 51, 52, 53, 58, 61, 67, 71, 72, 74, 75, 76, 82, 83, 91, 93, 96, 118

Esportes 44, 46, 48, 58, 60, 76, 84, 88, 91, 94, 97

Estética 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 85, 87

Estresse 16, 21, 29, 31, 33, 87

Estudantes 1, 3, 4, 26, 27, 43, 45, 56, 80, 112, 115

Exames 10, 13, 15

Exercícios 19, 33, 34, 69, 84, 86, 87, 88, 89, 91

## F

Fator de Risco 11

Futebol 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 91, 94, 101

## G

Grupo 3, 11, 15, 24, 33, 52, 61, 62, 66, 75, 87, 89, 113, 116, 118

## H

Homofobia 42, 43, 44, 46, 48

Hormônios 81, 88

## I

Idade 10, 18, 22, 23, 24, 25, 45, 62, 64, 74, 75, 76, 80, 81, 88

Indivíduo 19, 25, 51, 53, 54, 61, 74, 88, 91

Instrumento 18, 21, 97

Intervenções 10, 28, 30, 31, 33, 38

## J

Jogo 58, 61, 71, 72, 96, 97, 98, 101, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Jogos 44, 45, 60, 64, 95, 96, 97, 98, 101, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 113, 114, 116

Jovens 19, 20, 22, 23, 24, 25, 33, 45, 71, 75, 81, 84, 86, 88, 89, 90, 91

## M

Medidas 5, 8, 9, 10, 75, 76, 98

Medo 45, 48, 49

Militares 5, 6, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 75, 80

Modalidades 66, 67, 68, 69, 70, 71, 86, 113  
Motivação 11, 16, 18, 19, 21, 24, 25, 26  
Musculação 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 90

## N

Nutrição 7

## O

Obesidade 14, 65

## P

Padrões 5, 13, 20, 43, 74

Pesquisa 7, 7, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 25, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39, 46, 53, 59, 62, 64, 65, 66, 69, 72, 75, 76, 84, 89, 93, 95, 105, 117, 118

Pesquisadores 39, 74, 75, 76, 84, 89

Polícia militar 6

Prazer 1, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 39

Preconceito 42, 43, 47, 48, 49

Prevenção 16, 19, 33, 65, 85, 87, 90, 91, 97

Psicológico 10, 33, 40, 52, 97

## Q

Questionários 89, 92

## S

Saúde 7, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 58, 61, 65, 68, 71, 74, 75, 86, 87, 89, 92, 93, 118

Sexo 18, 21, 22, 23, 24, 46, 67, 68, 71, 79, 81, 98

## T

Tecnologias 33, 39, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 112

Temperatura 10, 66, 67, 68, 70, 71

Testes antropométricos 75

Tratamento 13, 19, 28, 29, 49

Treinamento 6, 7, 9, 10, 16, 19, 20, 26, 27, 32, 33, 66, 67, 68, 69, 71, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97

## V

Velocidade 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 91, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**